



'Não seremos enganados novamente'

FABIO RODRIGUES POZZEBOM / AGÊNCIA BRASIL

• **As relações subterrâneas entre o Futebol e a Política nunca são esclarecidas. Não há punição e manda quem pode**

Geraldo Muanis

gmuanis@terra.com.br

Guardo comigo esta frase da banda inglesa The Who desde que fiz minha iniciação no mundo do rock, pelos idos de 1972/1973. Principalmente porque a letra de "Won't Get Fooled Again" (Não Seremos Enganados Novamente) é gritada de forma gutural e raivosa, como reflexo de uma revolta contra o poder e o sistema que corrompe e se perpetua no lodaçal das maracutaia em cima dos inocentes e daqueles que ainda ousam acreditar nos sonhos:

"Não vejo nada de diferente nas ruas / Só os slogans que se substituem uns aos outros / E o pessoal da esquerda agora é da direita / e as barbas estão cada vez mais compridas".

Infelizmente, o futebol brasileiro continua como velho apêndice da Fifa, reforçando o 'status quo' de seus dignatários, enquanto enchem os bolsos e arrotam dignidade e transparência. A velha cartolagem da cúpula da Confederação Brasileira de Futebol é criticada por supostos senhores de mentes mais arejadas, todavia, os presidentes das Federações, na hora do voto, quando deveriam realmente colocar a revolução que apregoam em marcha, refugam e reelegem justamente aquele a quem haviam detratado. Com a cara mais limpa do mundo, sem um rubor na face, uma vez que parecem impermeáveis às críticas acerca de suas contradições.

Se disserem que Futebol e Política não se misturam, podem acreditar que tal assertiva faz parte do jargão daqueles que estão alinhados com a má fé e a manipulação dos menos conscientizados. Até o filósofo Raymond Aron, falecido em 1983, debruçou-se sobre o fenômeno do futebol. Porém, é bom lembrar que Aron não era político e jamais se valeu do velho esporte bretão para se locupletar.

Em se tratando de práticas ilícitas, o Brasil coleciona um mar de lama, por onde chafurdaram e chafurdam respeitáveis executivos do colarinho branco, que ainda sobem às tribunas políticas e da imprensa para falar de moral e ética. Querem fazer crer que haverá transparência com a preparação para a Copa do Mundo de 2014, no Brasil, quando já se antevê os absurdos no atraso da programação envolvendo reforma e construção de estádios.



• **Lula e Ricardo Teixeira. Futebol e Política. Do que será que tanto riem?**

Enquanto arrotam seriedade e boas intenções, sedimentam o tráfico de influências e o caminho perverso da corrupção.

Louvar as grandes conquistas faz parte da História do Futebol Brasileiro. Contudo, o que não se pode é tapar o sol com a peneira e venerar administradores que se julgam deuses, que com seus projetos faraônicos e seus sonhos me-

galômanos passam por cima da ordem jurídica para dar à luz superfaturamentos e enriquecimento de apaniguados.

E é bom lembrar que, além da Copa do Mundo, também teremos a Olimpíada de 2016 nas terras cabralinas. Que, certamente, descambará para o favorecimento de empreiteiras previamente escolhidas e familiares do manda-chuva de sempre.

A caneta do poder premia apenas aqueles que estão de acordo e decreta o fim dos sonhos

Grande Coro: "Antes de tudo, / o importante é aprender / a estar de acordo. / Muitos dizem que sim, mesmo se não estão de acordo. / Muitos nem chegam a ser consultados. / E ainda há muitos que sempre / estão de acordo. / Até quando não devem. / Por isso tudo, / antes de tudo, o importante é aprender / a estar de acordo.

(Bertolt Brecht, na peça teatral "Diz-que-sim & Diz-que-não"). Quem joga com o time dos capa-pretas sempre sai ganhando, lucros e dividendos da moeda trocada por baixo do pano com empresas de material esportivo, redes de telecomunicações, patrocinadores e afins. É a Regra do Jogo e, quem não se submeter, é carta fora do baralho. Assim dançam dirigentes honestos e jornalistas que não se vendem às paparicações de federações e confederações que pressionam a mídia apenas para ter boas notícias e nenhuma investigação sobre possíveis negociações escusas.

No vendaval de ilusões vendidas com promessas de uma nova era para o futebol brasileiro, a derrama de dinheiro público nos preparativos para o Mundial de 2014 é uma tentação para as

bocas vorazes que dominam posições estratégicas no esporte e na política. O discurso de que as contas e os gastos poderão ser regamente vigiados pela população, via internet, soa como balela, quando já se vê despautérios como a reforma do Estádio Mané Garrincha, em Brasília, condenado previamente à subutilização. Jurar de

DIVULGAÇÃO



• **Havelange e o poder da caneta**

pé junto que as obras a serem construídas serão plenamente utilizadas e reverterão em benefícios para o populacho, conforme reza a cartilha das políticas públicas, é algo que São Tomé se encarregará de desmentir ao longo do tempo.

Imaginar que algo possa mudar parece ingenuidade ou, até mesmo, leviandade. Afinal, é mais fácil quedar-se às tentações do que manter de pé os princípios.

Leis existem para serem burladas. E os exemplos continuam vindo de cima.

Investigações morrem inexplicavelmente, no meio do caminho, premiando a impunidade daqueles que ainda saem rindo e escarnecendo diante das câmeras de televisão e do espoucar dos flashes. Dos gabinetes, as falcatruas reverberam dentro dos campos, com os erros grotescos das arbitragens, por exemplo, sem

que nunca se saiba onde começa a corrupção.

Há que se levar em conta que nem todos, contudo, se rendem ao poder da política e à força do dinheiro. Entretanto, são logo colocados à margem, como se fossem eles os párias e culpados pela incompetência, roubalheira e falência.

Em nome de uma suposta transparência, os donos da bola articulam um discurso de mudanças. Porém, levam uma eternidade para implementar o que apregoam, a exemplo da necessidade urgente de se adotar o uso da tecnologia para auxiliar as arbitragens.

Todos ao mar. "The man in the suit has just bought a new car with the profite he made from my dreams" (O homem de terno acaba de comprar um carro novo com os lucros do meu sonho", escreveu Jim Capaldi em "The Low Spark of High Heeled Boys", do disco homônimo do Traffic, encimado pela voz inextinguível de Steve Winwood. Na Inglaterra, berço do velho esporte bretão, 11 dos 20 times da Premier League pertencem a empresários ou grupos de fora do país. O Liverpool, recentemente, foi adquirido pelo N. E. Sports Venture,

dos Estados Unidos. Enquanto isso, o ex-presidente e atual primeiro-ministro da Rússia, Vladimir Putin, trocou figurinhas com Bernie Ecclestone, o todo-poderoso 'capo' da Fórmula 1, e praticamente incluiu Moscou na temporada de 2014. Seu próximo alvo é sediar a Copa do Mundo de 2018, com gastos megalômanos da cifra de R\$ 167 bilhões.

CBF NEWS



• **Blatter: a Fifa se rende ao Brasil**

Sepp Blatter, João Havelange, Ricardo Teixeira, Juan Antonio Samaranch, Carlos Arthur Nuzman. Nomes que se inscreveram na História do esporte, da mesma forma que que tantos Euricos, Perrellas, Onaíres e afins. Quando as luzes do espetáculo se apagam e os Maracanãs da vida se calam como gigantes adormecidos, a plebe ignara retorna para casa. Teve o seu circo. E os jogadores, artífices e marionetes do espetáculo, recolhem sua maestria cientes de que se entregaram de corpo e alma ao seu ofício. Vão dormir com a consciência tranquila, embora tristes, é

verdade, sob a voz de Jim Morrison em "The End": "Esse é o fim / Linda amiga / Esse é o fim / minha única amiga / O fim dos nossos planos elaborados / O fim de todos os significados / Sem segurança ou surpresa / O fim".